

FUTEBOL FEMININO NO BRASIL: DESVALORIZAÇÃO E DESAFIOS
WOMEN'S FOOTBALL IN BRAZIL: DEVALUATION AND CHALLENGES

Layza Araújo Silva¹

Danubia Aires de Souza²

RESUMO

Este artigo discute a desvalorização do futebol feminino no Brasil, enfatizando os principais desafios enfrentados pelas jogadoras e problematizando a falta de apoio e investimento na modalidade. Além disso, são abordados temas relacionados à desigualdade de gênero e ao sexismo no meio esportivo, como a diferença salarial e de oportunidades em relação ao futebol masculino, a falta de visibilidade e reconhecimento da modalidade, bem como a discriminação e o preconceito sofridos pelas mulheres no futebol. Trata-se de uma revisão bibliográfica por meio da qual são apresentados dados e exemplos que demonstram a importância de promover a igualdade de gênero no esporte e aponta para possíveis soluções para enfrentar esses desafios.

Palavras-chave: Futebol Feminino. Gênero. Desigualdade.

ABSTRACT

This article discusses the undervaluation of women's soccer in Brazil, emphasizing the main challenges faced by players and problematizing the lack of support and investment in the sport. In addition, gender inequality and sexism in sports are addressed, such as wage and opportunity differences compared to men's soccer, the lack of visibility and recognition of the sport, as well as discrimination and prejudice suffered by women in soccer. The article presents data and examples that demonstrate the importance of promoting gender equality in sports and points to possible solutions to overcome these challenges.

Keywords: Women's Soccer. Gender. Inequality.

¹ Centro Universitário Salesiano.

² Centro Universitário Salesiano.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como foco discutir sobre o "Futebol feminino no Brasil: desvalorização e desafios". Apesar da enorme paixão pelo futebol como esporte, especialmente no Brasil, não podemos ignorar a desigualdade de gênero que afeta o futebol. Desde o início do futebol feminino no país, enfrentamos muitos obstáculos, incluindo falta de respeito e apoio, bem como sexismo profundamente enraizado no esporte.

A intenção da pesquisa é explorar em profundidade por que o futebol feminino no Brasil é desvalorizado. Nessa direção, vamos investigar os fatores que contribuem para essa desvalorização, com base em uma revisão bibliográfica, abrangendo desde o início até os dias atuais. Vamos focar na grande diferença entre o futebol masculino e feminino, incluindo investimento, apoio e visibilidade. Nessa direção, buscamos especificamente: analisar os principais desafios enfrentados pelas mulheres no futebol brasileiro; problematizar a questão do apoio e investimento no futebol feminino; analisar o sexismo presente nessa modalidade.

A justificativa para esta pesquisa está em identificar e entender as disparidades existentes, para que possamos trabalhar na busca da igualdade de gênero no futebol o mais rápido possível. A falta de investimento e a estrutura precária nos clubes destacam a importância de explorar um dos principais fatores contribuintes: a falta de cobertura na mídia.

A mídia desempenha um papel fundamental na perpetuação dessa desigualdade. Precisamos incentivar a nova geração a questionar por que o futebol feminino não recebe a mesma atenção que o masculino, especialmente em um país como o Brasil, onde o futebol é tão importante. O sexismo começa cedo, nas escolas, onde muitas vezes o futebol é visto como algo apenas para meninos. Isso afasta as meninas do esporte, e o impacto se estende para o futuro, já que poucas meninas sonham em se tornar jogadoras profissionais.

Portanto, é crucial entender que a mudança requer não apenas identificar os problemas, mas também criar um ambiente equitativo desde o início. Ao destacar os desafios enfrentados pelas mulheres no futebol, esperamos criar um ambiente esportivo mais justo e inclusivo, beneficiando tanto as jogadoras atuais quanto as futuras gerações de atletas femininas.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A HISTÓRIA DO FUTEBOL NO BRASIL E NO MUNDO

De acordo com Oliveira (2012), na Inglaterra o futebol não era reconhecido como um esporte entre os séculos XVI e XIX. O futebol era desconsiderado pela aristocracia e pelo clero, sendo visto como algo vulgar. Eles acreditavam que o futebol, visto como um "passatempo" incitava a violência entre os camponeses. O autor ainda destaca que:

[...] praticar esportes era uma atividade exclusiva da nobreza, que tinha preferência por outras atividades tais como a prática do arco-flecha e equitação. No passado, os esportes tinham como objetivo simular os combates que ajudaram a moldar o mapa geopolítico da Europa. Assim, o futebol era visto como um “passatempo” vulgar pela aristocracia agrária e o clero, que acreditavam que fosse uma atividade desregrada e induzia os camponeses à violência, sendo a causa de muitas mortes por todo o reino. O clero responsabilizou o futebol pelo afastamento dos fiéis das igrejas, uma vez que os homens preferiam jogar futebol a frequentarem as missas dominicais. (Oliveira, 2012, p. 171).

A maneira como o futebol era percebido como uma "diversão" vulgar pela aristocracia agrária e pelo clero mostra como as atitudes em relação ao esporte eram bastante negativas naquela época. É interessante notar como o futebol, que hoje é um dos esportes mais populares do mundo, foi uma vez considerado uma atividade desregrada e até perigosa, associada à violência e ao afastamento das práticas religiosas. As percepções e preconceitos sociais em relação ao esporte e à sociedade da época destacam a evolução das atitudes em relação ao futebol ao longo da história.

No que se refere à chegada do esporte ao Brasil, Aquino, citado por Oliveira (2012, p. 171) diz que “em outubro de 1894 desembarca no Porto de Santos, proveniente da Inglaterra, o jovem estudante paulista Charles Miller. Em sua bagagem, o considerado pai do futebol no Brasil, trazia duas bolas, uma bomba para enchê-las, além de uniformes, apito e um livro de regras do esporte”.

Durante o tempo em que Charles Miller esteve na Inglaterra para estudar, o Brasil passou por mudanças significativas em sua estrutura socioeconômica e política. Quando Charles Miller deixou o Brasil para estudar no exterior, o país era uma monarquia, onde a escravidão era uma prática legal. No entanto, quando ele retornou, encontrou um Brasil completamente transformado. O país tinha se tornado uma república, abolindo recentemente a escravidão. Além disso, a mão de obra negra escravizada foi substituída por trabalhadores imigrantes assalariados, marcando uma mudança importante na dinâmica social e econômica do Brasil. Essas transformações tiveram um impacto significativo na sociedade brasileira da época, representando uma transição fundamental de um sistema escravocrata para uma sociedade mais inclusiva e diversificada em termos de mão de obra. (Oliveira, 2012)

Essas condições conjunadas podem explicar a rápida disseminação do futebol no Brasil. Devido à abolição da escravatura, um grande contingente de negros recém libertos migrou das zonas rurais para as grandes cidades. A capital da república, o Rio de Janeiro, assistiu sua população mais que dobrar entre os anos de 1890 e 1920, quando a cidade passou de 520.000 para 1.150.000 habitantes. (Oliveira, 2012, p. 172)

Após a abolição da escravatura, muitos negros mudaram para as cidades no Rio de Janeiro, levando a um grande aumento na população. Isso criou um ambiente perfeito para o futebol se tornar popular no Brasil. Com mais pessoas vivendo juntas nas cidades, o esporte encontrou muitos fãs ávidos por diversão. O futebol não era apenas um jogo, mas também uma maneira importante para as pessoas se expressarem.

De acordo com Mascarenhas (2012) nos anos 1930, o futebol começou a ganhar o coração dos brasileiros e se tornou parte fundamental da nossa identidade nacional. E isso, em grande parte, aconteceu por causa das ideias nacionalistas de Getúlio Vargas (1930-1945). Foi nessa época que o Brasil realmente abraçou o futebol como algo mais do que apenas um esporte, tornando-o uma parte importante de quem éramos como nação.

A Copa do Mundo de 1950 é resultado desse processo de valorização política do futebol, e propiciou a construção do Maracanã, o maior estádio do mundo durante décadas. Nas duas décadas seguintes, praticamente todas as capitais e grandes cidades brasileiras construíram seus estádios gigantes, a maioria com apoio estatal. Tais estádios foram palco do primeiro campeonato nacional, em 1971. Começava então uma nova paisagem para o futebol brasileiro, e seu espaço vivido, agora como cultura de massa. (Mascarenhas, 2012, p. 74).

Sem dúvida, esse evento histórico não apenas levou à construção do famoso Maracanã, que foi o maior estádio do mundo por muitas décadas, mas também serviu como uma inspiração para outras cidades brasileiras. Impulsionados pelo apoio do governo, esses locais grandiosos começaram a surgir em todo o país. Eles se tornaram não apenas símbolos de grandeza arquitetônica, mas também catalisadores para uma revolução no cenário esportivo do Brasil.

2.2 O FUTEBOL FEMININO: ORIGEM, HISTÓRIA E CARACTERÍSTICAS

2.2.1 O início do futebol feminino no Brasil e no mundo

O futebol tem sido historicamente dominado pelos homens desde o seu início, tanto no aspecto esportivo quanto no sociocultural. A entrada das mulheres no campo de futebol desafia essa dominância estabelecida, e as reações a essa entrada revelam as relações de gênero presentes na sociedade, com sociedades mais machistas e sexistas tendo reações mais intensificadas à presença feminina no esporte. Em sua tese de doutorado, Franzini (2005) pode explicar melhor essa questão:

É notório que o universo do futebol caracteriza-se por ser, desde sua origem, um espaço eminentemente masculino; como esse espaço não é apenas esportivo, mas também sociocultural, os valores nele embutidos e dele derivados estabelecem limites que, embora nem sempre tão claros, devem ser observados para a perfeita manutenção da 'ordem', ou da 'lógica', que se atribui ao jogo e que nele se espera ver confirmada. A entrada das mulheres em campo subverteria tal ordem, e as reações daí decorrentes expressam muito bem as relações de gênero presentes em cada sociedade: quanto mais machista ou sexista ela for, mais exacerbadas as suas réplicas. (Franzini, 2005, p. 316).

É evidente que desafiar as normas estabelecidas e promover a inclusão de mulheres no esporte requer enfrentar as profundas questões de sexismo e machismo enraizadas na sociedade. A resposta à presença das mulheres no futebol serve como um espelho das relações de gênero de uma sociedade, destacando a importância contínua de promover a igualdade e a diversidade em todos os aspectos da vida.

Diferente do Brasil, o esporte ficou super popular na Inglaterra durante a Primeira Guerra Mundial porque os homens tiveram que largar seus jogos para ir lutar na guerra. Sendo assim, por esse motivo, as mulheres começaram a assumir papéis que antes eram predominantemente desempenhados por homens. Elas até criaram times de esportes e fizeram jogos para ajudar os soldados na guerra a conseguir dinheiro (Franzini, 2005).

Conforme observado por Goellner (2004), a inclusão das mulheres brasileiras no âmbito esportivo teve início durante o século XIX, mas foi nas décadas iniciais do século XX que essa inserção experimentou um notável crescimento, alcançando, dessa forma, uma visibilidade mais proeminente.

No contexto mundial, podemos usar os apontamentos de Moura (2003), onde ele diz que é difícil dizer exatamente quando aconteceu a primeira partida. No entanto, é possível considerar como marco inicial as primeiras competições promovidas pelo Football Association em 1863 na Inglaterra, após essa data, começam a acontecer os primeiros jogos de mulheres.

Em relação ao início do futebol no Brasil, há várias versões sobre como começou a prática do futebol feminino no país. Um artigo do Jornal do Brasil de 29/11/76 sugere que as primeiras partidas de futebol feminino foram jogadas na praia do Leblon, em dezembro de 1975, as partidas sempre eram à noite, pois as jogadoras eram empregadas domésticas, então utilizavam parte do seu dia para cuidar dos afazeres da casa, sendo assim, tendo disponibilidade de tempo somente a noite. De outro modo, em um artigo da Revista Veja (Flores, 1996), o futebol feminino teve seu início em jogos organizados por diferentes boates gays no final dos anos 70.

Nos anos 80, a TV começou a mostrar jogos de futebol das mulheres porque era um bom negócio. Era fácil organizar, os lugares e jogadoras já estavam prontas e de acordo com Kenski (1995) não custava muito para quem investia. Além disso, a mídia gostava do esporte porque sempre tinha coisas para contar, muita gente assistia e dava dinheiro. A Rede Bandeirantes tinha muitos programas de esporte naquela época. Como o futebol de homens era caro e outras emissoras também mostravam, a emissora decidiu dar uma chance ao futebol das mulheres na TV para ocupar os espaços esportivos.

O depoimento de uma jogadora da seleção brasileira de futebol que participou das Olimpíadas de Atlanta em 1996, resultante da pesquisa conduzida por Todaro (1997), é o que nos permite ter uma compreensão mais adequada sobre o início do futebol feminino no país:

Eu sempre fui muito sapeca. Gostava de subir em árvores, eu era muito ativa e geralmente as meninas do meu tempo eram "paradas", não gostavam de correr, de brincar e geralmente quem fazia estas coisas eram os meninos, principalmente a nível de escola. Eu sempre ficava com os meninos brincando, jogava com meus irmãos, meus primos e as meninas ficavam brincando de boneca e casinha. Isto não me interessava. Eu adorava fazer tudo o que tinha vontade (Todaro, 1997, p. 44).

Na verdade, esse depoimento fala sobre o que as pessoas querem fazer e ser, mas às vezes é difícil por causa das ideias que as pessoas têm sobre como homens e mulheres devem ser.

3. METODOLOGIA DA PESQUISA

Neste estudo, direcionamos nosso olhar para o futebol feminino no Brasil, explorando a problemática de sua desvalorização e os desafios enfrentados nesse contexto. Nosso objetivo principal é investigar e compreender os fatores que contribuem para essa desvalorização, examinando os elementos sociais, culturais, estruturais e históricos envolvidos. Por meio dessa análise, almejamos ampliar o conhecimento sobre as causas dessa disparidade entre o futebol feminino e masculino, visando fomentar a conscientização e a busca por medidas que promovam a igualdade e o fortalecimento do futebol feminino no Brasil.

Conforme citado por Gil (2007, p. 17), a pesquisa é descrita como:

[...] procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa desenvolve-se por um processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados.

A metodologia abrange a investigação dos trajetos a serem trilhados com o intuito de atingir os propósitos da pesquisa, seja esta relacionada a estudos ou à prática científica. Em outras palavras, compreende-se como um exame minucioso dos percursos e ferramentas que serão empregados na condução da pesquisa científica. Conforme definido por Minayo (2007, p. 44), a metodologia é conceituada da seguinte maneira:

[...] a) como a discussão epistemológica sobre o “caminho do pensamento” que o tema ou o objeto de investigação requer; b) como a apresentação adequada e justificada dos métodos, técnicas e dos instrumentos operativos que devem ser utilizados para as buscas relativas às indagações da investigação; c) e como a “criatividade do pesquisador”, ou seja, a sua marca pessoal e específica na forma de articular teoria, métodos, achados experimentais, observacionais ou de qualquer outro tipo específico de resposta às indagações específicas.

No entanto, reconhecemos que a metodologia desempenha um papel fundamental no desenvolvimento da pesquisa, pois é ela que nos guia ao longo do caminho que deve ser percorrido desde o início até a conclusão do estudo.

Neste trabalho, optamos pela abordagem bibliográfica como técnica de pesquisa. A pesquisa bibliográfica se baseia em materiais previamente publicados, tais como livros, revistas, jornais, teses, dissertações e registros de eventos científicos (Andrade, 2010, p. 29).

A abordagem adotada foi qualitativa, uma vez que nosso objetivo é aprofundar o estudo nas questões relevantes relacionadas ao objeto em análise. Portanto, este trabalho não visa obter dados quantitativamente mensuráveis.

De acordo com Gonçalves (2007, p. 69), a pesquisa qualitativa é caracterizada pela compreensão e interpretação do fenômeno, levando em consideração o significado atribuído por outras pessoas às suas práticas. Isso implica que o pesquisador adote uma abordagem hermenêutica.

A pesquisa bibliográfica é amplamente utilizada em diversas áreas do conhecimento (Andrade, 2010). Independentemente do campo de estudo, é necessário realizar uma pesquisa preliminar para levantar informações sobre um tema específico. Para ilustrar ainda melhor:

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente [...] Essas vantagens da pesquisa bibliográfica tem, no entanto, uma contrapartida que pode comprometer em muito a qualidade da pesquisa. Muitas vezes, as fontes secundárias apresentam dados coletados ou processados de forma equivocada. Assim, um trabalho fundamental nessas fontes tenderá reproduzir ou mesmo a ampliar esses erros. Para reduzir essa possibilidade, convém aos pesquisadores assegurarem-se das condições em que os dados foram obtidos, analisar em profundidade cada informação para descobrir possíveis incoerências ou contradições e utilizar fontes diversas, cotejando-as cuidadosamente (Gil, 2002, p. 45).

Para realizar este trabalho, foi feito um levantamento bibliográfico abrangente que envolveu a análise criteriosa de diversas fontes confiáveis. A coleta de materiais incluiu a consulta de recursos pessoais e material eletrônico, incluindo o Google Acadêmico.

Considerando que se trata de uma pesquisa bibliográfica, optamos por coletar os dados no site Google Acadêmico, um repositório online que oferece uma ampla gama de artigos, materiais e revistas acadêmicas. Foram utilizados os seguintes descritores para o levantamento na base de dados: Futebol feminino, sexismo, desigualdade, gênero, desvalorização e mídia. A partir dessa extensa fonte de informações, selecionamos criteriosamente 12 artigos relevantes para aprofundar nossa pesquisa e obter os dados necessários. Conforme podemos analisar na tabela abaixo (TABELA 1).

Tabela 1- Levantamento Bibliográfico

Título	Ano	Autores	Objetivos
Rompendo fronteiras de gênero: Maria (e) homens na educação física.	1998	Helena Altmann	Examinar como as relações de gênero são manifestadas e influenciadas por meio da prática esportiva e das interações sociais na escola.
Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da	2019	Aira Fernandes Bonfim	Este trabalho tem por objetivo discutir a iniciação feminina no futebol nos anos que antecederam a regulamentação das práticas esportivas no

introdução à proibição (1915-1941).			Brasil e a proibição de algumas modalidades para mulheres (1915-1941)
Histórico do futebol feminino no Brasil: considerações acerca da desigualdade de gênero.	2020	Marina Broch	A presente pesquisa se propõe a observar os reflexos da desigualdade de gênero existente no meio futebolístico, considerando para isto uma perspectiva histórica.
Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros.	2017	Michelle Perrot	Abordar a história das classes marginalizadas e negligenciadas ao longo do tempo, concentrando-se em três grupos específicos: operários, mulheres e prisioneiros. A autora busca dar voz e visibilidade a essas comunidades que muitas vezes foram ignoradas ou sub-representadas nas narrativas históricas tradicionais.
Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidade.	2005	Silvana Goellner	Objetiva evidenciar que há muito tempo as mulheres protagonizam histórias no futebol brasileiro ainda que tenham pouca visibilidade, seja na mídia, no cotidiano dos clubes e associações esportivas, na educação física escolar ou nas

			políticas públicas de lazer.
We do not engage in promotional journalism: discursive strategies used by sport journalists to describe the selection process. (Nós não nos envolvemos em jornalismo promocional: estratégias discursivas usadas por jornalistas esportivos para descrever o processo de seleção.)	2004	Annelies Knoppers e Agnes Elling	O objetivo deste estudo é explorar as estratégias discursivas e seus subtextos relacionados ao gênero utilizados por jornalistas esportivos holandeses para explicar o processo de seleção, especialmente a exclusão da cobertura esportiva feminina.
Como se ensina a ser menina: o sexismo na escola.	1999	Montserrat Moreno	Analisar e discutir como as escolas podem inadvertidamente perpetuar estereótipos de gênero e promover o sexismo na educação.
Futebol feminino e sexualidade	2009	Lívia Bonafé D'Ávila e Osmar Moreira de Souza Júnior	Analisar a forma como meninas praticantes de futsal que participaram dos Jogos Regionais, entendem as questões relacionadas à sexualidade no contexto do futebol feminino. O estudo foi desenvolvido por meio da aplicação de uma entrevista semi-estruturada a nove atletas participantes do referido torneio
Preconceito no futebol feminino brasileiro:	2012	Fábio Luís Santos Teixeira e Iraquitan de Oliveira Caminha	Identificar as condições de existência do preconceito de gênero

uma revisão sistemática			no futebol feminino à luz da literatura científica e discutir os aspectos sócio-culturais que os fundamentam.
Relatório anual da discriminação racial no futebol 2017	2017	Débora Macedo da Silveira Manera e Marcelo Medeiros Carvalho	Identificar e informar à sociedade brasileira sobre os casos de discriminação que ocorrem no esporte nacional e, asseverar que os mesmos não acontecem de forma esporádica, que são comuns, que em sua maioria falta punição aos envolvidos, um maior comprometimento das vítimas na cobrança das punições e comprometimento dos clubes, entidades, federações e da sociedade como um todo no combate ao racismo.
Corpo a corpo com a mulher: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil	2000	Mary Del Priore	Acompanhar as transformações ocorridas no corpo das brasileiras ao longo da nossa história.
Desvalorização do futebol feminino	2022	João Victor Zambon Costa e Thiago da Silva Machado	Mapear os artigos que tratam da modalidade, bem como discutir aspectos que ressaltam as características do futebol feminino quando comparado ao masculino.

Fonte: Elaboração própria

Conforme Marconi e Lakatos (2013, p. 57) destacam, a pesquisa bibliográfica não se limita a repetir o que já foi dito ou escrito sobre um determinado assunto. Pelo contrário, ela desafia o pesquisador a adotar uma abordagem mais focalizada em

relação ao tema, buscando gerar conclusões inovadoras a partir de sua própria perspectiva.

Conforme mencionado por Gil (2010, p. 59-60), existem quatro abordagens distintas para a compreensão durante a pesquisa bibliográfica: leitura exploratória, leitura seletiva, leitura analítica e leitura interpretativa. Na etapa da leitura exploratória, o pesquisador concentra-se exclusivamente em identificar os conteúdos relevantes para sua pesquisa. Ele utiliza notas de rodapé, índices e análises da folha de rosto para direcionar sua atenção. Já na leitura seletiva, o pesquisador seleciona criteriosamente o material que contribuirá para alcançar seus objetivos, evitando leituras desnecessárias que possam desviar seu foco.

Quanto à leitura analítica, todo o material selecionado anteriormente é examinado de forma minuciosa. Nessa etapa, o objetivo principal é ordenar e resumir as fontes de pesquisa, buscando uma compreensão mais aprofundada. Por fim, temos a leitura interpretativa, que é considerada a fase mais complexa. Nela, o pesquisador elabora os resultados obtidos a partir da pesquisa e busca apresentar uma solução para o problema investigado (Gil, 2010).

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 A MULHER NO FUTEBOL: AS DESIGUALDADES DE GÊNERO NO FUTEBOL

A prática do futebol foi afetada pela exclusão histórica das mulheres devido à normatividade de gênero, que estabelece diferenças entre a prática esportiva feminina e masculina. As mulheres tiveram uma experiência esportiva muito diferente dos homens, e o futebol ficou restrito como um espaço exclusivamente masculino, refletindo os aspectos socioculturais e os valores associados a eles na época. (Broch, 2021).

Até 1894, quando o futebol foi introduzido no Brasil, a prática esportiva era estritamente reservada aos homens, sendo proibida para as mulheres. Vale destacar o Artigo 54 do Decreto-Lei nº 3.199, promulgado por Getúlio Vargas em 14 de abril de 1941, que especificava que as mulheres não poderiam participar de esportes considerados incompatíveis com suas características naturais. O Conselho Nacional de Desportos foi encarregado de emitir as orientações necessárias às entidades esportivas do país para garantir a implementação dessa restrição. (Brasil, 1941).

Esse artigo reflete as normas conservadoras da época, que limitavam a participação das mulheres em certas atividades esportivas, com base em estereótipos de gênero e visões tradicionais sobre o papel das mulheres na sociedade. A proibição de mulheres praticarem esportes considerados "incompatíveis com as condições de sua natureza" era uma prática comum em várias partes do mundo durante períodos históricos anteriores em que as mulheres enfrentavam discriminação de gênero e eram frequentemente excluídas de diversas atividades sociais. Como resultado, o futebol foi negado às mulheres. Bonfim (2019) destaca essa questão com precisão:

O Estado desempenhou um papel cada vez mais ativo na tentativa de redefinir a categorização dos sistemas de gêneros, definindo o que era adequado para homens e mulheres, meninos e

meninas. Currículos educacionais, oportunidades de empregos, responsabilidades familiares, comportamento sexual e traços de caráter não passaram incólumes desses enquadramentos (Bonfim, 2019, p. 15).

Havia uma clara dualidade e contraste nos ideais de masculinidade e feminilidade criados na época. Havia uma intervenção crescente do Estado na definição das categorias de gênero, determinando o que era considerado apropriado para diferentes grupos, como homens, mulheres, meninos e meninas. Esta intervenção estendeu-se a várias áreas da vida, incluindo educação, emprego, responsabilidades familiares, comportamento sexual e características de personalidade. Essa ideologia excluía as mulheres da prática do esporte, especialmente do futebol, que era visto como um esporte violento e impróprio para as mulheres. Perrot (2017) destacava que:

Essas imagens povoam nossos sonhos, irrigam nosso imaginário, tramam a literatura e a poesia. Pode-se amar sua beleza, mas recusar sua pretensão de também contar a história das mulheres, mascarada sob os traços de uma dramaturgia eterna –em qualquer lugar, sempre, o coro das mulheres –e de uma simbologia congelada no jogo dos papéis e das alegorias. É preciso desprender-se dela, pois moldam a história dentro de uma dicotômica do masculino e feminino: o homem criador/a mulher conservadora, o homem revoltado/a mulher submissa etc. (Perrot, 2017, P. 200).

Na literatura e na vida real, os papéis designados às mulheres eram sempre de submissão em relação aos homens. No início, as mulheres eram permitidas a praticar apenas esportes que eram considerados adequados à estrutura corporal feminina, o que limitava severamente as opções de esportes disponíveis para elas e as afastava do futebol. Goellner (2005) dizia que essa restrição era uma manifestação da visão socialmente construída sobre as diferenças entre homens e mulheres, que perpetuava a ideia de que a mulher era inerentemente mais fraca e menos capaz do que o homem em atividades físicas, pois:

Mesmo que as mulheres participassem de alguns eventos esportivos, o temor à desmoralização feminina frente à exibição e espetacularização do corpo se traduzia num fantasma a rondar as famílias, em especial, as da elite. A prática esportiva, o cuidado com a aparência, o desnudamento do corpo e o uso de artifícios estéticos, por exemplo, eram identificados como impulsionadores da modernização da mulher e da sua autoafirmação na sociedade e, pelo seu contrário, como de natureza vulgar que a aproximava do universo da desonra e da prostituição. (Goellner, 2005, p. 145).

Embora algumas mulheres tenham começado a participar de eventos esportivos, havia um medo generalizado de que essa participação pudesse levar à desmoralização das mulheres, especialmente nas famílias da elite. A exibição e espetacularização do corpo feminino eram vistos como ameaças à moralidade e à reputação das mulheres.

É notório as complexidades das normas sociais e culturais que as mulheres enfrentavam na época, onde a liberdade de participar em atividades esportivas era limitada pelo medo da desaprovação social e da perda de respeitabilidade. Essa dualidade reflete as lutas das mulheres por autonomia e igualdade, ao mesmo

tempo em que enfrentavam barreiras e estereótipos de gênero profundamente enraizados na sociedade.

A desigualdade de gênero presente na sociedade afeta a forma como a história é contada, muitas vezes deixando de lado as contribuições das mulheres e retratando-as como tendo um papel secundário em relação aos homens. Isso ocorre porque a historiografia tradicional sempre teve o homem como o protagonista da história e a mulher como exceção. A historiadora Michelle Perrot (2017) enfatiza que a mulher tem sido negligenciada na narrativa histórica, tornando-se invisível em muitos momentos:

O ofício do historiador é um ofício de homens que escrevem a história no masculino. Os campos que abordam são os da ação e do poder masculinos, mesmo quando anexam novos territórios. Econômica, a história ignora a mulher improdutiva. Social, ela privilegia as classes e negligencia os sexos. Cultural ou “mental”, ela fala do homem em geral, tão assexuado quando a Humanidade. Célebres –piedosas ou escandalosas –, as mulheres alimentam as crônicas da “pequena” história, meras coadjuvantes da “História!”. (Perrot, 2017, p. 197).

É necessário reexaminar a forma como a história é contada, incluindo as vozes e experiências das mulheres para ter uma compreensão mais completa e equitativa do passado. A representatividade de gênero na narrativa histórica incentiva uma revisão crítica dos padrões tradicionais de escrita da história, desafiando a visão histórica como uma disciplina estritamente masculina. O ambiente machista em que o futebol foi criado no Brasil impôs obstáculos significativos para o cenário feminino, que ainda precisa superá-los. É notório que o desenvolvimento do futebol masculino contou com privilégios atribuídos ao gênero masculino, enquanto o futebol feminino teve que lidar com a repressão e outras barreiras. Os tempos vividos pelos dois cenários esportivos foram extremamente diferentes.

O futebol masculino recebe elevados aportes financeiros, dispõe de extensa divulgação, infraestrutura de qualidade, altos salários e numerosas instalações de treinamento. Por outro lado, o futebol feminino está progredindo gradualmente, porém ainda enfrenta uma posição periférica, devido a:

No entanto, apesar destes significativos avanços, ainda é precária a estruturação da modalidade no país pois são escassos os campeonatos, as contratações das atletas são efêmeras e, praticamente, inexistem políticas privadas e públicas direcionadas para o incentivo às meninas e mulheres que desejam praticar esse esporte, seja como participantes eventuais, seja como atletas de alto rendimento. Para além destas situações a mídia esportiva pouco espaço confere ao futebol feminino e quando o faz, geralmente, menciona não tanto os talentos esportivos das atletas, árbitras ou treinadoras mas a sua imagem e o seu comportamento (Goellner, 2005, p. 149).

É notório a grande falta de estrutura adequada para o futebol feminino no país. Apesar dos avanços, como poucos campeonatos e contratações temporárias para as atletas, há ausência de políticas públicas e privadas para incentivar meninas e mulheres a praticar o esporte. Além disso, a mídia esportiva não dá muito espaço ao futebol feminino, e quando o faz, muitas vezes foca na aparência e comportamento das jogadoras, em vez de reconhecer seus talentos esportivos.

O futebol é um ambiente que ainda perpetua o machismo, o que torna necessária uma discussão acerca do seu simbolismo. Infelizmente, muitos preconceitos como o sexismo, o racismo, a homofobia e a xenofobia são expressos através do esporte, refletindo a existência dessas formas de discriminação enraizadas na sociedade. Esses preconceitos têm um impacto extremamente negativo na coexistência humana e, portanto, é importante que o esporte seja utilizado como instrumento de inclusão social e luta contra a violência e discriminação. (Manera e Carvalho 2018).

4. 2 O SEXISMO NA MODALIDADE

A relação intrínseca entre esporte e masculinidade evidencia como o esporte foi historicamente utilizado como um meio de expressão da identidade masculina. Isso se reflete na linguagem dos uniformes e slogans escolares, que não apenas refletem, mas também influenciam uma imagem específica de masculinidade vinculada ao mundo esportivo, enfatizando traços como força, violência e vitória. A construção social da masculinidade no contexto esportivo, levanta questões sobre expectativas de gênero, estereótipos e como a sociedade molda as percepções sobre o que é aceitável para os homens no âmbito esportivo.

A exclusão das mulheres de competições esportivas ocorreu devido às barreiras criadas pelos organizadores, fundamentadas em questões sociais e biológicas do passado, como a desmoralização da imagem feminina e a participação em atividades que poderiam desonrá-las. No entanto, com o tempo, muitas mulheres têm se inserido no mundo esportivo, que antes era dominado pelos homens.

O maior número de praticantes do sexo masculino também pode estar vinculado ao fato do esporte ter sido construído como um meio de expressão da masculinidade. O esporte (como expressão do masculino) pode ser observado pela linguagem dos uniformes e dos refrãos que ocorrem na escola, que não apenas reproduzem uma determinada imagem masculina do esporte, como a constitui. Não é, porém, a qualquer masculinidade que o esporte se associa, mas à imagem de um homem forte, violento e vitorioso. A autora explica que a associação do esporte à masculinidade varia de acordo com a modalidade, e na escola o futebol é considerado o mais masculino dos esportes. (Altman, 1998, p. 25).

A distinção entre homens e mulheres é claramente evidenciada na tabela abaixo, a qual apresenta uma comparação entre os salários e prêmios concedidos a ambos os gêneros em uma mesma competição.

TABELA 1 - Desigualdade entre as premiações de Copas do mundo

Futebol masculino	Premiação	Futebol feminino	Premiação
Premiação geral	U\$400M	Premiação geral	U\$30M
Campeão	U\$38M	Campeã	U\$4M

Fonte: Costa; Machado (2020). Disponível em: < [Artigo_TCC_2020.2_Joao_Vitor_Zambon.pdf](https://www.unisales.br/artigo/TCC_2020.2_Joao_Vitor_Zambon.pdf) (unisales.br)>

A disparidade salarial e de premiações entre o futebol feminino e masculino tem sido um tema de debate e críticas nos últimos anos. As competições masculinas geralmente geram mais receitas devido a uma audiência maior e contratos de televisão mais lucrativos. Isso se traduz em mais dinheiro para os jogadores e equipes no futebol masculino.

As equipes e ligas femininas muitas vezes recebem menos investimento de patrocinadores e investidores e as empresas tendem a investir mais em eventos e atletas que oferecem maior visibilidade e retorno financeiro, o que muitas vezes favorece o futebol masculino.

Esteretótipos de gênero ainda existem em muitas partes do mundo, levando a uma subvalorização do talento e do esforço das atletas femininas em comparação aos seus colegas masculinos. Nesse contexto, a discriminação de gênero pode se manifestar em salários mais baixos e menos oportunidades de patrocínio.

TABELA 2 – Diferença salarial entre os gêneros

Jogador	Salário temporada	Jogadora	Salário temporada
Neymar Jr.	€91,5M	Marta	€340 mil

Fonte: Costa; Machado (2020). Disponível em: < [Artigo TCC 2020.2 Joao Vitor Zambon.pdf \(unisales.br\)](#)>

A mudança está ocorrendo, mas é um processo gradual que requer esforços contínuos para desafiar estereótipos de gênero, promover igualdade de oportunidades e investir no crescimento do futebol feminino em todo o mundo.

D'ávila e Júnior (2009), em sua pesquisa com o objetivo de investigar a experiência de nove atletas que participaram da 52ª edição dos Jogos Regionais da 4ª região, que ocorreram em Rio Claro no ano de 2008, onde representaram nove diferentes cidades da região. Para coletar os dados, os pesquisadores optaram por realizar entrevistas semi-estruturadas com os atletas proposta por Triviños (1987).

Entrevistas semi-estruturadas são aquelas em que o entrevistador tem algumas questões previamente definidas, mas também tem a liberdade de explorar temas adicionais com base nas respostas dos participantes. Nesse caso, essa abordagem permitiu aos pesquisadores interferir nas respostas dos atletas, facilitando o entendimento das questões e, ao mesmo tempo, aprofundando os temas de interesse por meio de perguntas que não estavam inicialmente previstas.

Segundo os autores, com as estratégias adotadas, foi possível analisar que [...] estas respostas indicam que as entrevistadas valorizam mais aquilo que chamam de “cabeça de cada uma” e, talvez, possamos interpretar como os valores e a maturidade de cada pessoa, do que a influência do meio ambiente. Com relação à vivência das entrevistadas:

[...] referente a sofrer ou presenciar episódios de preconceito no ambiente do futebol feminino, todas afirmaram já haver presenciado ou sentido tais situações, sendo que estes episódios poderiam ser classificados dentro de duas categorias que incluem, por um lado, o preconceito relacionado às questões de gênero, como os papéis sexuais socialmente determinados,

“lugar de mulher é na cozinha” e, por outro lado, o preconceito ligado à orientação do desejo sexual, “mulher que joga futebol é sapatão”. (D’ávila e Júnior, 2009, p.40)

As formas predominantes de preconceito incluem a segregação, o cerceamento em práticas esportivas específicas, a erotização da mulher e a vigilância sobre a identidade de gênero. O preconceito contra mulheres deriva da ideia de incompetência e fragilidade, construídas a partir do discurso das diferenças biológicas. O preconceito está intrinsecamente ligado à necessidade de preservar a concepção tradicional e limitada do papel feminino como "mãe" e "dona de casa". Esse preconceito tem como objetivo principal impedir, obstruir ou atrasar qualquer tentativa de romper com a hegemonia econômica capitalista. Esse sistema reconhece apenas a divisão binária entre o "homem" visto como forte e a "mulher" considerada frágil, uma visão que é amplamente aceita pela sociedade como a única válida. (Caminha e Teixeira, 2012)

Podemos tomar como referência sobre a visão antiquada e restrita do papel feminino como meras figuras maternas e responsáveis pelo lar, um fato que aconteceu com a jogadora Marta número 10 da seleção brasileira de futebol feminino, onde ela recebeu um prêmio peculiar por sua excepcional performance em uma partida contra a Holanda, em 2010: uma cesta contendo produtos de limpeza. Esse episódio ocorreu durante uma etapa do Torneio Cidade de São Paulo de Futebol Feminino, também conhecido como Torneio Uber Internacional de Futebol Feminino de Seleções.

FIGURA 1 - Marta melhor em campo: lembre o presente machista e bizarro que ela recebeu da Band



FONTE: FÓRUM, 2023

Marta ao receber o “prêmio” agradeceu educadamente, dizendo: “Obrigada, valeu. Tá entregue”. Isso reflete não apenas numa completa falta de compreensão sobre o valor e a importância do esporte feminino, mas também destaca a persistência do sexismo em nossa sociedade.

O esporte deve ser um campo nivelado, onde homens e mulheres são reconhecidos e valorizados por suas conquistas e talento, não por estereótipos de gênero ultrapassados. Qualquer tentativa de diminuir os feitos de uma atleta como Marta

com um prêmio inadequado seria não apenas uma injustiça para ela, mas também para todas as mulheres que lutam por reconhecimento e igualdade no mundo do esporte. É fundamental que as mulheres no esporte sejam tratadas com respeito e dignidade, e que suas conquistas sejam celebradas de maneira justa e apropriada.

De acordo com Teixeira e Caminha (2012), compreender o preconceito desta maneira pode oferecer informações valiosas para analisar as relações de poder associadas ao desenvolvimento do futebol feminino em nossa sociedade. O reconhecimento da condição da mulher no contexto da sexualidade é fundamental para entender as posições que elas ocupam no campo esportivo. Sem essa compreensão, qualquer tentativa de modificar essa situação seria impossível. Além disso, ao estudar o preconceito sob essa perspectiva, é possível obter indicações importantes sobre as complexas transformações, orientações e divisões no contexto da sexualidade que afetam a vida das mulheres contemporâneas em relação às práticas esportivas corporais.

4.3 MÍDIA E APOIO NO FUTEBOL FEMININO

O futebol é uma modalidade esportiva globalmente popular, cuja história e o alcance dos campeonatos locais e mundiais são evidências disso. No entanto, há uma peculiaridade na forma como as mulheres são envolvidas e tratadas pela mídia esportiva. Apesar disso, as mulheres têm demonstrado um grande interesse em se envolver no esporte, especialmente nos Estados Unidos e na Europa. Isso é evidente na realização, em 2005, do Congresso do Instituto Internacional de Futebol com o tema "Mulher, Futebol e Europa", que destacou que "o futebol feminino tem se tornado uma área de estudos emergente e envolvente, em proporções globais, atraindo um número crescente de pesquisadores de diversas áreas" (IFI, 2005, p. 2).

Nos últimos anos, tem sido possível perceber um aumento da prática do futebol entre as mulheres no Brasil, bem como uma maior visibilidade midiática dessa participação, especialmente após a conquista do quarto lugar nas Olimpíadas de Atlanta e, mais recentemente, com a medalha de prata conquistada pelas atletas em Atenas.

Não seria realista esperar que a mídia trate homens e mulheres de forma igual no que se refere ao futebol. A crítica à parcialidade dos meios de comunicação em relação ao gênero é recorrente quando se estuda a relação entre mídia e esporte, como apontado por Mourão e Morel (2005). Autores como Sterkenburg e Knoppers (2004), Coakley (2004) e Knoppers e Elling (2004) reforçam que o esporte, por meio da mídia, é predominantemente representado por homens brancos. Uma realidade que não é exclusiva da nossa cultura, pois:

Não interessa qual país e evento são estudados, os resultados consistentemente mostram que os esportes envolvendo mulheres são proporcionalmente mal representados na mídia esportiva e considerados como de menor emoção e de menor dignidade para notícias do que os esportes envolvendo homens (Sterkenburg; Knoppers, 2004, p. 303).

Segundo Priore (2000), a mídia apresenta duas abordagens distintas em relação ao esporte: uma que masculiniza o esporte e outra que o trata como um modelo de beleza e objeto de desejo, exclusivamente feminino.

A história do esporte mostra que a atividade esportiva foi vista como um símbolo de força, poder e músculo, sendo considerada uma atividade exclusivamente masculina. Essa visão fez com que as mulheres fossem poupadas de um possível processo de masculinização e, conseqüentemente, não participassem do mundo esportivo da mesma forma que os homens. Como resultado, Goellner (2005) observa a pouca participação feminina no esporte e um tratamento desigual por parte da mídia em relação aos homens.

O suor excessivo, o esforço físico, as emoções fortes, as competições, a rivalidade consentida, os músculos delineados, os gestos espetacularizados do corpo, a liberdade de movimentos, a leveza das roupas e a seminudez, práticas comuns ao universo da cultura física, quando relacionadas à mulher, despertavam suspeitas porque pareciam abrandar certos limites que contornavam uma imagem ideal de ser feminina (Goellner, 2005, p. 92).

O preconceito, a diferença e o descaso em relação ao futebol feminino podem ser identificados em todos os níveis de prática. Essas atitudes têm conseqüências na formação do imaginário social sobre o papel das mulheres no esporte. Basta observar os investimentos, a organização, as escolinhas e o tratamento dado pela mídia para notar a disparidade em relação ao futebol masculino. Até mesmo a história do futebol feminino é tratada com indiferença, como podemos ver na discrepância entre as informações fornecidas pela FIFA e pela Federação Inglesa de Futebol sobre a primeira partida entre mulheres. Esse tipo de atitude reforça a ideia de que a "historiografia machista não se limita a ignorar a mulher", como afirmou Moreno (1999, p. 49), mas a trata com desprezo e omite informações importantes. É fundamental que haja estudos que abordem a participação das mulheres no esporte e que esses estudos tenham uma intervenção pedagógica para recriar valores e evitar que as próximas gerações sejam capturadas por distorções oriundas do desprezo e do preconceito.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo aprofundado sobre a história do futebol feminino no Brasil revelou um cenário de desigualdade de gênero profundamente enraizado, evidenciando a marginalização e a falta de apoio enfrentadas pelas mulheres na modalidade esportiva. Desde os primórdios, as mulheres foram excluídas do mundo esportivo, sendo consideradas inadequadas para a prática do futebol. Ao longo dos anos, embora tenhamos testemunhado avanços significativos, ainda persistem desafios significativos em relação ao respeito, valorização e reconhecimento do futebol feminino.

É inegável que, apesar das mudanças ocorridas ao longo do tempo, a desigualdade salarial e de oportunidades persiste, com os homens continuando a ser privilegiados em comparação com as mulheres no cenário esportivo. Além disso, o preconceito de gênero persiste, permeando desde as escolas até as equipes profissionais, criando barreiras para as meninas que desejam seguir uma carreira no futebol.

Neste contexto, este estudo contribui significativamente para a área de conhecimento ao destacar a urgência de promover mudanças concretas no tratamento do futebol feminino. Ao revelar as raízes históricas e culturais do

preconceito de gênero no esporte, este trabalho oferece informações importantes para educadores, pesquisadores e profissionais do esporte. A conscientização sobre essas questões é fundamental para criar um ambiente mais equitativo e inclusivo, não apenas dentro das quadras, mas também na sociedade em geral.

REFERÊNCIAS

ALTMAN, H. (1998). **Rompendo fronteiras de gênero: Maria (e) homens na educação física**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/FAEC-85ZJEJ>>. Acesso em: 4 set. 2023.

BONFIM, Aira. **Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941)**. 2019. 213 f. Dissertação (Mestrado em História) -Escola de Ciências Sociais, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/28563>>. Acesso em: 12 jul. 2023.

BRASIL. **Conselho Nacional de Desportos**. Decreto-Lei no. 3199. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 1941. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3199-14-abril-1941-413238-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 6 set. 2023.

BROCH, Marina. **Histórico do futebol feminino no Brasil: considerações acerca da desigualdade de gênero**. 2021, p. 700-702. Disponível em: <<https://books.scielo.org/id/8pk8p/pdf/barthe-9788523212384-05.pdf>>. Acesso em: 8 jul. 2023.

COAKLEY, J. J. **Sport in Society: issues and controversies**. London: McGraw Hill, 2004. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/267446966_Sport_in_Society_Issues_Contriveries>. Acesso em: 23 out. 2023.

D'ÁVILA, Lívia; JÚNIOR, Osmar. **Futebol Feminino e Sexualidade**. 2009. Disponível em: <https://docplayer.com.br/23360170-Futebol-feminino-e-sexualidade.html#google_vignette>. Acesso em: 23 de out. 2023.

Flores do Campo. (1996) Revista Veja, p. 72-73.

FRANZINI, F. **Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol**. 315-328. Tese (doutorado). Universidade de São Paulo, 2005. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/rbh/a/nTrFPPWwPkMTKPMmBmtRwCc/?lang=pt&format=pdf>>
>. Acesso em: 23 de out. 2023.

GOELLNER, S. V. **Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Physica**. Ijuí: Unijuí, 2003. Disponível em:
<<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/2709>>. Acesso em: 28 set. 2023.

GOELLNER, S. V. (2004). **Mulher e Esporte no Brasil: Entre Incentivos e Interdições Elas Fazem História**. Disponível em:
<<https://revistas.ufg.br/feff/article/view/106/101>>. Acesso em: 16 agosto 2023.

GOELLNER, S.V. **Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidade**. In: *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*. São Paulo, V.19, nº.02, p.143-151, abr./jun. 2005. Disponível em:
<<https://books.scielo.org/id/8pk8p/pdf/barthe-9788523212384-05.pdf>>. Acesso em: 8 jul. 2023.

IFI. **International Football Institute. Conference Announcement and call for academic papers**. Lancashire: University of Central Lancashire, 2005.

KENSKI, V. (1995). **O impacto da mídia e das novas tecnologias de comunicação na Educação Física**. Motriz, 1, 129-36. Disponível em:
<<https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/929>>. Acesso em: 14 set. 2023.

KNOPPERS, A.; ELLING, A. **We do not engage in promotional journalism: discursive strategies used by sport journalists to describe the selection process**. International Review for the sociology of sport, London, v. 39, n. 1, p. 57-73, 2004. Disponível em:
<<https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1012690204040523>>. Acesso em: 14 out. 2023.

MASCARENHAS, G. **O futebol no Brasil: reflexões sobre paisagem e identidade através dos estádios**. In: BARTHE-DELOIZY, F., and SERPA, A., orgs. *Visões do Brasil: estudos culturais em Geografia* [online]. Salvador: EDUFBA; Edições L'Harmattan, 2012, pp. 67-85. ISBN 978-85-2321238-4. Disponível em:
<<https://books.scielo.org/id/8pk8p/pdf/barthe-9788523212384-05.pdf>>. Acesso em: 5 nov. 2023.

MOURA, J.L. **As relações entre lazer, futebol e genero**. 2003. 135p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, SP. Disponível em:
<<https://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/346938>>. Acesso em: 15 out. 2023.

MOURÃO, L. e MOREL, M. **As narrativas sobre o futebol feminino: o discurso da mídia impressa em campo**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v. 26, n. 2, p. 9-20, 2005. Disponível em:

<<http://oldarchive.rbceonline.org.br/index.php/RBCE/article/view/148/157>>. Acesso em: 16 out. 2023.

MORENO, M. **Como se ensina a ser menina: o sexismo na escola**. São Paulo: Moderna; Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1999. Disponível em: <<http://www.ulissesaraujo.com/wp-content/uploads/2020/05/ComoSeEnsinaASerMenina-MontserratMoreno.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2023.

OLIVEIRA, A. F. DE. **Origem do futebol na Inglaterra no Brasil**. RBFF - Revista Brasileira de Futsal e Futebol, v. 4, n. 13, 24 nov. 2012. Disponível em: <<http://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/154>>. Acesso em: 5 nov. 2023.

Observatório da Discriminação Racial no Futebol. **Relatório anual da discriminação racial no futebol 2017**. Organizado por Débora Macedo da Silveira Manera e Marcelo Medeiros Carvalho. Porto Alegre: Museu da UFRGS, 2018. Disponível em: <https://observatorioracialfutebol.com.br/Relatorios/2017/RELATORIO_DISCRIMINACAO_RACIAL_2017.pdf>. Acesso em: 2 nov. 2023.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. São Paulo: Paz e terra, 2017, p. 197-249. Disponível em: <<https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=3085961>>. Acesso em: 14 out. 2023.

PRIORE, M. **Corpo a corpo com a mulher: pequenas histórias das transformações do corpo feminino no Brasil**. São Paulo: SENAC, 2000. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/318782375/Corpo-a-Corpo-Com-a-Mulher-Mary-Del-Priore>>. Acesso em: 15 set. 2023.

STERKENBURG, J. e KNOPPERS, A. **Dominant discourses about race/ethnicity and gender in sport practice and performance**. International Review for the Sociology of Sport, London, v. 39, n. 3, p. 301-321, 2004. Disponível em: <https://www.academia.edu/21263909/Dominant_Discourses_about_Race_Ethnicity_and_Gender_in_Sport_Practice_and_Performance>. Acesso em: 29 set. 2023.

TEIXEIRA, Fábio; CAMINHA, Iraquitan. **Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática**. Recife/PE, 2012. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/30943>>. Acesso em: 14 nov. 2023.

TODARO, L. (1997). **Considerações acerca do futebol feminino no país**. Monografia de Conclusão de Curso de Graduação, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/download/26283/27775/102711>>. Acesso em: 10 agosto 2023.

ISSN:
Ano 2023
Volume 1 – Número 1

CIÊNCIA NA
PRÁTICA



TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo:Atlas S.A., 1987. Disponível em:
<<https://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/view/2335>>. Acesso em: 12 nov. 2023.